



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**FRANCINALDA ALMEIDA DE ARAÚJO FÉLIX**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)  
EM SALA DE AULA REGULAR: Um estudo realizado em uma escola municipal da  
cidade de São Bento-PB**

São Bento - PB  
Julho / 2017

FRANCINALDA ALMEIDA DE ARAÚJO FÉLIX

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)  
EM SALA DE AULA REGULAR: Um estudo realizado em uma escola municipal da  
cidade de São Bento-PB**

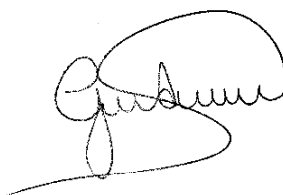
Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia na modalidade a distância, pela Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Ms. Gracileide Alves da Silva

São Bento - PB  
Julho / 2017

FRANCINALDA ALMEIDA DE ARAÚJO FÉLIX

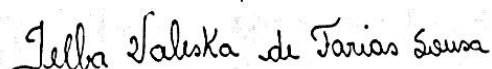
**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO) EM SALA DE AULA REGULAR: Um estudo realizado em uma escola municipal da cidade de São Bento-PB**



---

ORIENTADORA:

Profª Ms. Gracileide Alves da Silva



---

1º EXAMINADOR (A)

Profª. Ielba Valeska de Farias Sousa



---

2º EXAMINADOR (A)

Ms. Wilder Fernandes Santana

Aprovada em 19 de julho de 2017.

São Bento – PB

Julho / 2017

F316i Félix, Francinalda Almeida de Araújo.

A inclusão de alunos com TEA (transtorno do espectro autista) em sala de aula regular: um estudo realizado em uma escola municipal da cidade de São Bento-PB / Francinalda Almeida de Araújo Félix. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
43f. ; il.

Orientadora: Gracileide Alves da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Autismo. 2. Inclusão. 3. Ludicidade. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico ao meu filho Darwin, por representar todo amor que a vida poderia me presentear e sempre me fazer ter força de vontade para me tornar uma pessoa melhor.

Ao meu esposo José Wellington pelo amor e companheirismo.

A minha família principalmente a minha mãe e as minhas avós por sempre me apoiarem em meus estudos.

A todos que acreditam em uma educação inclusiva e como direito de todos.

*A inclusão acontece quando aprendemos com as diferenças e não com as igualdades.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade estudar o processo de interação de crianças portadoras do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em uma sala de aula regular, assim como observar a relação entre o autismo e o lúdico ressaltando a importância da ludicidade em sala de aula comum no desenvolvimento de habilidades como a linguagem e a interação social, tendo em vista que estes são aspectos muito prejudicados nas crianças com TEA. O procedimento metodológico envolveu uma pesquisa de abordagem qualitativa tendo a observação e a entrevista como técnica para coleta de dados numa escola pública regular do município de São Bento –PB, aplicadas a uma professora de duas cuidadores de alunos autistas que estudam numa turma do Ensino Fundamental I. Nas leituras de Cunha (2007), Fonseca (2009), Kishimoto (2007), entre outros, vimos que existem exercícios imprescindíveis no aprimoramento da aprendizagem destes alunos, com atividades que favoreçam a sensação de vários aspectos como o motor, linguístico e interação social adquiridos por meio de atividades lúdicas. Mediante os resultados pudemos analisar como esse processo de inclusão é difícil, muito embora a prática de atividades prazerosas como o lúdico podem auxiliar o professor em uma inclusão e interação destas crianças com os demais educandos. Sabemos que este transtorno não apresenta cura médica, mas pode-se conseguir um avanço em aprimoramento da aprendizagem e socialização, no entanto, precisa de muita dedicação, força de vontade e um trabalho conjunto com as famílias, profissionais de inúmeras áreas, escola e um educador que promova uma proposta lúdica eficiente.

**Palavras-chave:** Autismo, Inclusão, Lúdico, Sala de aula regular.

## **ABSTRACT**

The present study aims to study the interaction process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in a regular classroom, as well as to observe the relationship between autism and playfulness, highlighting the importance of playfulness in the classroom. Common in the development of abilities such as language and social interaction, considering that these are very impaired aspects in children with ASD. The methodological procedure involved a qualitative research involving observation and interview as a technique for collecting data in a regular public school in the city of São Bento-PB applied to a teacher of two autistic students who attend a class of elementary school. In the readings of Cunha (2007), Fonseca (2009), Kishimoto (2007), among others, we saw that there are essential exercises in improving the learning of these students, with activities that favor the sensation of several aspects such as motor, linguistic and social interaction acquired through play activities. Through the results, we could analyze how this inclusion process is difficult, although the practice of pleasurable activities such as playful can help the teacher in an inclusion and interaction of these children with other students. We know that this disorder does not present medical cure, but we can achieve a breakthrough in improving learning and socialization, however, it needs a lot of dedication, will power and a joint work with families, professionals from numerous areas, school and a Educator that promotes an efficient playful proposal.

**Keywords:** Autism, Inclusion, Playful, Room if regular classroom.

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** Qual a sua formação e tempo que atua como professora? ..... 27
- Quadro 2** Possui formação para trabalhar com alunos com deficiência?..... 28
- Quadro 3** Esta é a primeira vez que cuida de uma criança autista? ..... 28
- Quadro 4** Que tipo de dificuldade você percebe ao trabalhar com esta criança?..... 29
- Quadro 5** Como você vê a relação desta criança com os demais colegas e professor (a)? .... 30
- Quadro 6** Como elas (as crianças autistas) se comportam mediante o convívio com as mesmas (as demais crianças da sala)? ..... 31
- Quadro 7** Percebe alguma mudança ou avanço da aprendizagem com relação aos aspectos cognitivo e socioafetivo deste aluno durante este tempo em que cuida do mesmo?..... 31
- Quadro 8-** O que você como mediadora do conhecimento faz para desenvolver a aprendizagem e a interação destas crianças em suas aulas? ..... 32
- Quadro 9-** Que tipo de atividade você percebe que chama a atenção destas crianças? ..... 33
- Quadro 10-**O que você acha da inclusão desta criança em uma sala de aula regular? ..... 33

## **LISTA DE SIGLAS**

**AEE-** Atendimento Educacional Especializado

**LDB** -Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**TEA-** Transtorno do Espectro do Autismo

**TID-**Transtorno Invasivo do Desenvolvimento

**TGD** -Transtorno Global do Desenvolvimento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 DEFINIÇÃO, DIAGNOSTICO E CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 O LÚDICO EM SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO-SOCIAL E RELAÇÃO COM O AUTISMO.....</b>	<b>16</b>
3.1 o lúdico na escola e a sua importância na aprendizagem do autista.....	18
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
4.1 Sobre a pesquisa .....	20
4.2 Campo e sujeitos da pesquisa .....	20
4.3 Procedimentos e instrumentos .....	21
4.4 Análise dos dados e ética da pesquisa .....	21
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>23</b>
5.1 Análises das observações .....	23
5.2 Análises das entrevistas .....	27
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>40</b>
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	41
<b>ANEXO.....</b>	<b>42</b>
Foto da atividade desenvolvida pelo aluno B.....	43

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais ainda percebemos as dificuldades que muitas instituições de ensino encontram para incluir crianças com algum tipo de deficiência, bem como a falta de propostas ativas para a preparação dos profissionais que ali estão para receber estas crianças. Nos anos iniciais de sua escolarização, casos como este torna-se mais grave, pelo simples fato de que é neste período que a criança está começando a formar suas características como cidadão. Existe também a resistência da família destas crianças que não procuram ajuda nem muitas vezes o tratamento adequado.

No caso da criança diagnosticada com autismo essa insegurança e despreparo destes profissionais parece ser ainda mais evidente, talvez pelo fato desta doença ter uma repercussão mais recente quanto a sua descoberta e diagnóstico. Diante do exposto, procuramos por meio do presente trabalho investigar como os jogos, brinquedos e brincadeiras podem auxiliar na interação social e no desenvolvimento da comunicação de pessoas com TEA.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso e teve como eixo investigador conhecer o que é autismo, como se comporta um portador desta síndrome e como se dá o desenvolvimento de suas habilidades em sala de aula. Buscamos investigar como as atividades lúdicas aliada a uma preparação profissional podem desenvolver uma aprendizagem mais eficaz e significativa para crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista e também como ajuda no processo de inclusão em uma sala regular.

Este estudo aconteceu num período de 5 meses, e foi desde o momento da leitura do material bibliográfico até o momento da defesa. As observações que aconteceram nos meses de abril e maio do ano em questão, puderam totalizar 100 horas vivenciadas do momento da entrada na instituição para apresentação e observações até o encerramento com a aplicação das entrevistas com a professora e cuidadoras das crianças autistas matriculadas no 2º ano “C” de uma escola municipal da cidade de São Bento no alto sertão paraibano

Nossa problemática partiu do pressuposto de que, existe um preconceito e uma exclusão social e conseqüentemente educacional, de crianças e adolescentes vítimas do autismo e isso tem levado muitos professores e escolas a negarem vagas, e quando recebem estes alunos apresentam bastante dificuldades para trabalhar com esse público no espaço

escolar, dentre elas são as atividades lúdicas em uma sala de aula que podem promover o desenvolvimento da aprendizagem desses alunos.

De posse desse problema, objetivamos com a pesquisa, conhecer o que é autismo e saber como desenvolver suas habilidades em sala de aula. Bem como, entender melhor o desenvolvimento de crianças com este transtorno através do trabalho com o lúdico e identificar como as atividades lúdicas podem aprimorar o ensino para se incluir o autista numa sala de aula comum.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica onde nos debruçamos em estudo sobre o que é autismo, seu contexto histórico e diagnóstico, bem como, a pesquisa descritiva, onde utilizamos a técnica da observação para conhecer na prática as dificuldades educacionais destes alunos e como o professor que recebe estes alunos, pode trabalhar junto aos demais educandos atividades lúdicas que envolvam estes em um trabalho mais dinâmico e eficaz.

Ao final, elaborou-se este Trabalho de Conclusão de Curso, que ora apresentamos e que está organizado em seis capítulos. O primeiro trata-se deste texto introdutório, que vem apresentar a estrutura organizacional deste trabalho e os passos percorridos nesse processo.

O segundo capítulo aborda a definição, diagnóstico e características do autismo, bem como as leis que tratam do acesso destas pessoas como direito em escolas regulares. No terceiro capítulo falaremos sobre o lúdico em seu desenvolvimento histórico-social e relação com o autismo.

Na quarta parte apresenta-se o percurso metodológico do projeto de pesquisa que antecedeu esta monografia. No penúltimo descrevemos a análise dos dados obtidos a partir da pesquisa e por fim finalizamos com as considerações finais a que vem abordar nossas reflexões acerca da temática estudada, relatando o processo de inclusão dos alunos com TEA em sala de aula regular de uma forma mais clara, objetiva e concreta para a construção da aprendizagem dos alunos autistas.

O interesse pela pesquisa se deu pelo fato de que este é um tema muito importante, pois se trata de uma questão que atualmente ainda há um grande número de educadores procurando esclarecer muitos dos seus questionamentos e dúvidas diante de uma crescente demanda de alunos com TEA na escola pública regular.

À primeira vista, este trabalho pode parecer pouco relevante, porém ao longo das discussões que foram traçadas fica perceptível que a temática é um assunto de interesse social e relevante na modernidade, e assim, colaborar como mais uma fonte de estudos para os interessados na área de inclusão, e sobretudo, de alunos com Transtorno Espectro Autista.

## 2 DEFINIÇÃO, DIAGNOSTICO E CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

Fazendo uma breve leitura histórica vimos que, segundo Glauber (1993) foi no ano de 1911, que o estudioso psiquiatra conhecido como Paul Eugen Bleuler usou o termo autismo pela primeira vez para se referir a um sintoma da esquizofrenia, no entanto, foi apenas no ano de 1943 que o médico Leo Kanner o descreveu quando estudava um grupo de crianças que apresentavam comportamento restrito e dificuldade de interagir com as pessoas. Mais tarde o austríaco Hans Asperger citou, em sua tese de doutorado, crianças com o comportamento bastante parecido com as que Kanner observou.

Recentemente, estudos demonstram que o autismo é uma doença que afeta a estrutura e o funcionamento dos neurônios do cérebro, provocando no indivíduo um conjunto de distúrbios que afetam o seu desenvolvimento quanto aos aspectos cognitivo, de linguagem e imaginação e também de estabelecer relações sociais. Varia muito de pessoa para pessoa, dependendo inclusive da idade cronológica de cada um e é mais frequente no sexo masculino, mas não se sabe ao certo o porquê e nem as causas.

Fantacini e Daguano (2011) diz que de acordo com cada um destes distúrbios acima citados a criança autista apresenta dificuldade em:

- Nos desvios qualitativos da comunicação (a criança apresenta dificuldade na comunicação seja ela verbal e não verbal), ou seja, ou não fala ou fala pouco com ausência de expressões faciais ou corporais e gestos.
- Já nos desvios qualitativos na socialização (ela utiliza gestos repetitivos), geralmente não interage com as demais pessoas e caso isso ocorra é porque ela os imita, abraçando ou beijando, por exemplo.
- Quanto aos desvios qualitativos na imaginação (as crianças têm dificuldades em aceitar mudanças). Neste ponto, elas também são capazes de passar horas realizando a mesma atividade ou gesto e sempre querem seguir uma rotina.

Além destas características, as crianças autistas poderão segundo Fonseca (2009) apresentar ecolalia que é a repetição da fala ou sentença de terceiros, incluindo palavras, expressões ou diálogos. De acordo com os estudos e observações, em sua maioria, os autistas apresentam um repertório de interesses e atividades restritos, estereotipado e repetitivo. Fascinados por objetos giratórios e gostam de enfileirar as coisas, por exemplo, seus brinquedos e também fazem movimentos como andar na ponta dos pés e se jogar no chão. Se adequam e se apegam a rotinas e caso algo mude, estas crianças podem apresentar

comportamento agressivo, podendo chegar até mesmo a se machucar (mordendo-se ou batendo com a cabeça na parede). Essas e outras características são apontadas por Melo (2007).

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo. (MELO, 2007, p.72).

De acordo com o DSM 5 (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) que foi o último manual lançado no ano de 2013, o autismo faz parte de um grupo de síndromes chamado Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), também conhecido como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Mais recentemente cunhou-se o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) para englobar o autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação.

Ainda de acordo com Fantacini e Daguano (2011), apesar de apresentarem características similares é difícil diagnosticar uma pessoa com TEA (Transtornos do Espectro do Autismo), pois existem diferentes níveis desta síndrome e mesmo aquelas que são diagnosticadas no mesmo “nível” podem apresentar características comportamentais diferenciadas. Enquanto alguns podem viver em sociedade normalmente, outras encontraram dificuldades na realização de tarefas simples como tomar banho, vestir-se, fazer as refeições, enfim, cada pessoa pode apresentar as mais variadas características, o que torna difícil ser diagnosticada e tratada, muito embora quanto antes esse diagnóstico seja efetuado, mais rápido pode ser iniciado o tratamento.

Apesar da dificuldade do diagnóstico crianças portadoras de TEA podem ser identificadas e tratadas clinicamente nos primeiros meses de vida, de modo que se observe as características comportamentais da criança. Este diagnóstico também é multidisciplinar envolvendo um grande número de profissionais como psicólogo, fonoaudiólogo, psiquiatra, neurologista, psicopedagogo e o próprio professor. Diante dos estudos até o presente momento Santos (2012) afirma que, ainda não foi registrado nenhum tipo de tratamento farmacológico, embora não exista cura, alguns medicamentos podem auxiliar no tratamento dos sintomas variando de caso a caso.

As causas de uma criança nascer com o TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) ainda são bastante discutidas pelos estudiosos cientistas. Atualmente, muitos defendem que advém

da combinação de fatores genéticos, ambientais ou biológicos, exemplo, baixo peso da criança ao nascimento, idade da mãe acima dos 35 anos, exposição a materiais tóxicos durante a gestação, infecções perinatais, asfixia perinatal, dentre outras, embora haja esta discussão quanto aos riscos, é importante salientar que muitos passam por estas condições e não desenvolvem a doença.

Na parte pedagógica, o professor deve traçar métodos que acolham estas crianças e lhe aproxime de um desenvolvimento notável, tendo em vista que a entrada destas crianças portadoras do TEA em escola regular é direito garantido por lei como aponta o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial. A redação diz que ela deve visar a efetiva integração do estudante à vida em sociedade. Além da LDB, a Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Plano Viver sem Limites (Decreto 7.612/11) também asseguram o acesso à escola regular.

Em 2008, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que preconiza o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, nas escolas regulares. (BRASIL, 2008, p.09).

Sendo um direito garantido por lei, nenhuma escola deve deixar de receber as crianças com deficiência, seja ela qual for, e desta forma trabalhar com atividades através de jogos e brincadeiras em que as crianças expressarão suas habilidades de imaginação, sensibilidade, cognição e socialização, por exemplo. E é justamente por isto que é importante o contato destas com o lúdico a começar na educação infantil. Mas, na realidade qual a história do lúdico e sua relação com o aprimoramento da aprendizagem? Traçaremos um percurso histórico quanto a definição do lúdico.

### **3- O LÚDICO EM SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO-SOCIAL E RELAÇÃO COM O AUTISMO**

Estudando autores como Santos (2001) vamos perceber que, durante muito tempo, jogos e brincadeiras eram pouco usados para fins educativos e com isso crianças não podiam se divertir e nem explorar o mundo através dos brinquedos. Isso se perpetuou durante um longo período até que recentemente percebeu o uso de atividades lúdicas auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, pois se notou que o uso de brincadeiras e jogos na educação movia, em um sentido mais amplo, o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança.

Kishimoto (2007) afirma que, no período que antecedeu o romantismo, havia três concepções que estabeleciam uma relação entre os jogos infantis e a educação infantil. São estas:

- O jogo como recreação: Na antiguidade greco-romana o jogo era entendido como forma de relaxamento quando relacionado a atividades que exigiam esforço físico.
- Uso de jogos para favorecer o ensino de conteúdos escolares: Já no período do Renascimento o jogo passa a ser visto como uma forma livre de se expressar auxiliando o conteúdo escolar.
- O uso de jogos para diagnóstico da personalidade infantil e a educação.

Esse entendimento de que atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, serviam apenas como lazer e descontração e, além de transmitir costumes e práticas sociais de épocas, aos poucos foi se modificando. Com o decorrer dos tempos, o ato de brincar passou a ser visto com um novo olhar pelo homem, dando destaque a estudos mais recentes que comprovam a eficácia de um ensino voltado para este campo e que através do lúdico a criança tornava-se um ser completo evoluindo em todos os aspectos físicos e mentais, bem como, proporcionava uma evolução ao que diz respeito ao aspecto cognitivo da criança. Sampaio (2009) fala que o brincar, na fase da infância, deve ser encarado como objeto de estudo e dedicação como também pode ser a chave que abre o canal de comunicação da criança.

Santos (2001) argumenta que, este novo modo de enxergar a vida é essencial ao desenvolvimento humano e afirma que, atualmente este novo olhar sobre o desenvolvimento existencial do ser humano coloca a razão e emoção no mesmo patamar e, com isso, a ludicidade ganha força, prestígio e destaque, tornando-se um instrumento poderoso na mudança de paradigmas. Essa mudança no pensar das pessoas foi e é de extrema importância

para um estudo mais humano das práticas pedagógicas que deixam de lado uma educação tradicionalista com uso de memorização e palmatórias e começa a enxergar na educação lúdica uma saída para este pensar arcaico.

Gueller e Souza (2008) referem-se a Melanie Klein por ser a primeira estudiosa psicanalista infantil a verificar a possibilidade de estudar a aprendizagem de crianças especiais por meio de atividades lúdicas. Ela dedicou-se a estudar e entender o universo que permeia o inconsciente infantil que estavam associados ao brincar pela espontaneidade. Este foi um grande passo para a época, tendo em vista que o autismo passou a ter diagnóstico a partir dos anos 40 em estudos com pesquisadores como Kanner e Asperger.

É importante ressaltar que o lúdico não é somente o jogo e a brincadeira, mas sim quaisquer atividades que satisfaça o ser humano deixando-o feliz. Por tudo isso, essa mudança no pensar das pessoas foi importante, pois trabalhar com o lúdico significa desenvolver não apenas a capacidade física e mental da criança como também fazendo isto por meio de atividades que a deem prazer e certamente é uma prática indispensável ao desenvolvimento do autista.

O brincar é uma fonte importante de comunicação e uma excelente oportunidade das crianças expressarem seus desejos e necessidades. Estas utilizam-se do brincar para construir sua aprendizagem, pois é no momento da brincadeira que ocorrem as relações sociais, usam a imaginação e liberam sua criatividade. Segundo Fonseca (2009), é através das brincadeiras e do contato com o jogo que a criança tem a possibilidade de esquematizar seu próprio corpo, expandir e fluir em seu vocabulário, entender melhor a relação espaço (ritmo e equilíbrio) e tempo, conhecendo e aceitando o meio em que vive, expandindo seu uso perceptivo motor mostrando sua afetividade e abrangendo assim suas emoções.

Mediante os argumentos até aqui expostos percebe-se que os brinquedos e as brincadeiras que devem ser adotadas nos processos de estimulação de crianças com autismo precisam, antes de tudo, serem adequadas de acordo com as características de cada criança a qual se espera lhe proporcionar algum tipo de estímulo ou excitação. As atividades lúdicas devem ser agradáveis, desejados e precisa ser observado se a criança aparentou algum tipo de repúdio, tendo em vista que estas são muito sensíveis a cores, sabores, texturas, enfim, deve-se observar as reações de cada caso, pois uma atividade que apresenta resultados bons para um pode gerar desconforto em outro.

Diante disto, o lúdico então torna-se um parceiro indispensável ao professor. Cunha (2007) afirma que é no ato de brincar que os alunos autistas por exemplo, conhecem e

colocam em prática seus pontos positivos, além de aprender e a considerar as diferenças que existem de uma pessoa para outra. “Na brincadeira a criança aprende a se conhecer melhor e a aceitar a existência do outro; organizando, assim, suas relações emocionais e estabelecendo relações sociais”. (SANTOS, 2000, p.158). Esse estímulo a comunicação e socialização proporcionados pelas brincadeiras, são de extrema importância para o desenvolvimento do autista, tendo em vista que esses são as duas áreas mais afetadas por esta síndrome.

### **3.1 O lúdico na escola e a sua importância na aprendizagem do autista**

É no ambiente escolar em que a criança com o Transtorno do Espectro Autista encontra um lugar com características propícias para a aplicação do exercício lúdico, pois na escola ela pode contar com a participação de presenças essenciais ao seu desenvolvimento, ou seja, outras pessoas como professores e crianças com as quais pode brincar e socializar-se.

Para Moraes (2007), é por apresentar esse valor, que a escola, ocupa um lugar especial na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado a sala de aula. O professor que apresenta aulas dinâmicas, que sabe envolver e que brinca com seus alunos, terá seus objetivos alcançados, pois certamente estará ajudando a formar cidadãos capacitados.

A criança ainda não é adulta, mas certamente não será por isso para que ela possa cumprir esse papel social como afirma Moraes, é necessário que haja esse contato com outras pessoas, primeiro com os familiares e depois com a escola. Segundo Wallon (2007, p. 67) nas brincadeiras a criança imita a realidade vivenciada, então é importante que ela tenha experiências positivas e exemplos bons tanto na família quanto na escola, pois todos devem ter a consciência que estão desenvolvendo nos pequenos a importância de entrosamento com o meio social para que assim possam integrar-se ao mesmo.

Além de saber que o trabalho com o brincar é um grande aliado no papel pedagógico da educação destas crianças especiais, também reconhecemos a importância do lúdico para o desenvolvimento físico e intelecto das mesmas, como já foi dito anteriormente, então desta forma vemos que não faltam motivos de incluir do trabalho do professor um espaço que permita esse acesso ao lúdico e uma ótima ideia para esse trabalho é o uso de um espaço que permita esse acesso que são as brinquedotecas.

A brinquedoteca tem que ser um espaço único em que as brincadeiras aconteçam livremente sem regras de tempo ou lugar, as crianças fazem do brincar um ato de prazer e se expressam sem controle, porém o professor tem que agir de forma que ao mesmo tempo que

observa, também interaja com os alunos atento para as atitudes de cada uma delas. Reforçando essa ideia, Muniz (2001, p. 91) diz que as brinquedotecas devem apresentar dois sentidos, o primeiro é de liberdade para se expressar e o segundo é que apesar de ser livre não pode deixar de lado a disciplina e a seriedade do trabalho deste espaço.

Segundo Santos (2002, p. 97) a brinquedoteca tem como objetivo maior desenvolver atividades lúdicas e valorizar o ato de brincar. E para que isto aconteça é necessário que este espaço deva estar relacionado à proposta pedagógica da escola associado ao desenvolvimento destas pessoas com necessidades especiais e não em espaços reservados para que aconteçam unicamente as brincadeiras.

Kishimoto (1992 apud Muniz 2001, p. 87) afirma que “As brinquedotecas nas escolas têm sido adotadas com finalidades pedagógicas ou como centro de apoio ao professor, alertando assim para o risco de escolarização da brinquedoteca (...)”. Isso acontece quando espaço da brinquedoteca se resume apenas a sala quando se quer “gastar tempo” na escola, no entanto se usada adequadamente este espaço é riquíssimo e de grande importância para o desenvolvimento destas pessoas com deficiência, melhorando sua interação, socialização e linguagem.

Assim, a escola é uma instituição que atua de forma relevante na vida das crianças, criando condições e exercícios que envolvam o corpo, como: jogos, brincadeiras, entre outros. Sendo isto considerado como um recurso primordial para auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com TEA, além de levar a criança a estabelecer uma importante ligação entre o imaginário e o real oferecendo espaços e possibilidades por meio de propostas lúdicas e um trabalho conjunto entre escola, família e demais profissionais que ajudam no acompanhamento destas crianças.

Por fim, reforçamos que a proposta de educação inclusiva (Tratado da Guatemala, 1991; Declaração de Salamanca, 1994) declara que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou que apresentem transtornos severos de comportamento, preferencialmente sem defasagem idade série. A escola, segundo essa proposta, deverá adaptar-se para atender às necessidades destes alunos inseridos em classes regulares. Portanto, a educação inclusiva deverá ser posta em prática numa escola inclusiva que busque ações que favoreçam a integração e a opção por práticas heterogêneas.

## **4- METODOLOGIA DO ESTUDO**

### **4.1 Sobre a pesquisa**

Priorizamos um estudo investigativo para conhecer e abordar detalhadamente o campo de observação que foi a instituição e alguns sujeitos nela envolvidos. Para realização deste estudo se fez necessário uma revisão de referências para trilhar a compreensão a inclusão destas crianças portadoras da síndrome do autismo e sua aprendizagem. O mesmo foi desenvolvido por meio de dois tipos de pesquisa, a bibliográfica e a descritiva em que se usou do método da observação do cotidiano escolar de duas crianças.

Segundo Gil (2008) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Diante desta ideia optamos por fazer o estudo de uma grande variedade de matérias impressos e online por meio dos quais fizemos a leitura de autores como Sampaio (2009), Damazio (1991), Moraes (2007), Muniz (2001), dentre outros que tratam do tema inclusão e ludicidade no desenvolvimento da criança e o autismo.

### **4.2 Campo e sujeitos da pesquisa**

As observações foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Samuel de Oliveira Ramalho, situada na Rua Cícero Bezerra de Rezende, Nº100, Loteamento Portal, na cidade de São Bento - PB. A pesquisa proposta por este estudo foi prontamente acolhida pela instituição, nas pessoas da gestão e professoras, com os quais se deu o primeiro contato com a instituição, ambos se comprometeram a colaborar no que se fizesse necessário para realização do presente estudo.

A referida escola possui em suas dependências 9 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 5 banheiros, 1 sala para os professores, 1 cantina e 1 pátio para recreação dos alunos. O corpo de funcionários é composto por 44 funcionários, dentre eles 11 são cuidadores de crianças com necessidades especiais e destas 11 crianças 6 são diagnosticadas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), 3 matriculadas no turno da manhã e 3 no da tarde.

A turma escolhida para as observações foi um 2º ano “C” no turno da tarde, a turma é composta por 30 alunos dentre eles 2 crianças do sexo masculino diagnosticadas com autismo, cujos nomes preservaremos e trataremos como Aluno A e Aluno B. O motivo pelo qual o presente estudo foi baseado nas observações de apenas 2 das 6 crianças autistas da instituição, justifica-se pelo fato de que escolhemos uma única turma (na qual estavam matriculados 2 autistas), de modo que facilitasse as observações e execução do projeto.

### **4.3 Procedimentos e instrumentos**

Para realização deste trabalho de início foi realizada uma visita para apresentação do pesquisador a turma e aos demais funcionários da instituição, neste momento pediu-se a autorização para as investigações do tema por meio do instrumento de observação da turma durante um período de 25 dias, correspondente aos meses de Abril e Maio do ano de 2017. Foi um momento de muita aprendizagem, e pudemos confrontar o que estudamos nos livros e o que vimos na prática.

Além da técnica da observação, optamos por realizar entrevistas com a professora e as cuidadoras desses alunos, com questões voltadas para a inclusão e o uso do lúdico em sala de aula. Por ser flexível e de fácil interpretação a entrevista é defendida recentemente por vários autores contemporâneos como sendo uma técnica de coleta de dados fundamental para elaboração de trabalhos científicos, de acordo com Rosa e Arnoldi:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA; ARNOLDI :2006, p.17)

Concordando com esta ideia, ao final das observações, realizamos e discutimos os resultados das entrevistas realizadas com os profissionais acima citados para melhor entender a posição e a visão que cada um deles tem com relação a aprendizagem das crianças autistas por meio de atividades lúdicas em uma sala de aula regular.

#### 4.4 Análise dos dados e ética da pesquisa

Os dados obtidos pela pesquisa foram analisados pelo método indutivo, mediante o resultado das observações e análise das entrevistas realizadas, Gil (2008) defende que:

O processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também a interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam derivados de teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente. (GIL,2008,p.9)

No caso desta pesquisa em questão, os resultados obtidos foram discutidos e analisados por meio da comparação da conclusão que alcançamos por meio dos instrumentos utilizados com relação a estudos e teorias defendidas por pesquisadores anteriormente.

É importante salientar também que, ao mencionar o pedido de autorização pelas partes investigadas, explicamos os riscos e benefícios da pesquisa citando a resolução 196-96 em seus incisos II (3,25) e também falamos sobre a ética da pesquisa inciso III 1. Em ambos os pontos os entrevistados concordaram a se submeter a pesquisa cientes da importância de suas contribuições e assinaram o termo de consentimento (ver em apêndice).

Poder realizar este trabalho foi significativo, pois possibilitou uma aprendizagem, cuja ação ainda não havíamos realizado, que foi a de ser pesquisadora. Ir até à escola com esse olhar, permitiu observar o que, como aluna e/ou professora nunca tinha visto. Foi uma experiência enriquecedora para a vida acadêmica e profissional.

## **5- RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este capítulo aborda a análise dos resultados obtidos na pesquisa por meio de observações diárias e de uma entrevista, objetivando identificar como se dá a inclusão e o uso de atividades lúdicas no desenvolvimento da aprendizagem de crianças portadoras do Transtorno do Espectro do Autismo. A fonte deste trabalho foi a turma do 2º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Samuel de Oliveira Ramalho na cidade de São Bento- PB. O interesse pela pesquisa se deu pelo fato de que este é um tema muito importante e necessário para a realidade da escola em que realizamos o estágio. Foi durante as visitas nesta instituição (citada anteriormente) que nasceu o desejo de estudarmos o processo de aprendizagem de alunos com TEA na escola regular.

### **5.1 Análises das observações**

As observações foram realizadas na turma do 2º ano “C” onde possui 2 crianças autistas, e aconteceram nos meses de abril e maio deste ano (2017). Verificamos que esses 2 alunos possuem um perfil diferente: o primeiro (cujas iniciais são LR que chamaremos de “aluno A”) possui um comportamento mais fácil de cuidar, diagnosticado com autismo leve, ele consegue interagir melhor com a turma chegando a acompanhar as atividades e brincadeiras desenvolvidas pela mesma. Já o segundo (cujas iniciais são OV que chamaremos de aluno B) apresenta um comportamento mais restrito e estereotipado, seu diagnóstico é de autismo severo e também sofre de ataques de epilepsia. Estudando autores como, Fantacini e Daguano (2011) vamos ver que há crianças que possuem diagnóstico de autismo podem apresentar outra síndrome agregada.

Apesar do bom acolhimento por parte da direção e de toda equipe da Escola, bem como de ter sido momentos de suma importância para a aprendizagem e elaboração do presente trabalho, sentimos dificuldade em observar as 2 crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo da turma 2º ano “C”, pelo motivo de ambas não permanecerem no mesmo ambiente, principalmente por parte do Aluno B que não permanecia em um mesmo lugar por mais de 2 ou 3 minutos. Este estava sempre tentando fugir da sala e se possível da escola, já nos últimos dias ele pegou o portão aberto e correu até a calçada já na saída da escola, mas a cuidadora conseguiu trazê-lo de volta.

A gestora relatou que houve avanços significativos para a aprendizagem dessas crianças, principalmente no aspecto da socialização, pois inicialmente estas nem entravam na sala por hipótese alguma e por vezes agrediam a professora da sala e empurravam as cuidadoras para saírem da sala, palavras da mesma “ (...) agora eles estão mais controlados e já estão em suas respectivas salas”. No entanto, poucos foram os momentos em que pudemos observar as crianças em um mesmo ambiente, pois sempre era uma correria para poder acompanhar os dois ao mesmo tempo. Enquanto o aluno A estava na sala o aluno B passeava pela escola. Santos (2008) atenta para o fato de que se o autista for submetido ao excesso de pressão pode apresentar uma reação violenta, no caso das crianças observadas, principalmente o aluno B empurrava a cuidadora e por vezes queria agredir a professora pois queria sair daquele espaço (a sala de aula) onde não certamente não se sentia bem ou ainda não estava habituado.

Depois de alguns dias de observação, fomos percebendo que, na sala de aula, com 30 alunos matriculados e frequentando uma de média 25, o “aluno A” parecia habituado a turma, pois conseguia ficar mais tempo envolvido nas atividades e conversando, ou até mesmo brigando com os colegas: “- Ele é um pouco agressivo, principalmente se não tomar sua medicação direito” disse a cuidadora em um certo momento, e o aluno B (descrito anteriormente) estava na maior parte do tempo no chão ou fugindo da sala para correr pelos demais ambientes da escola, principalmente na secretaria onde havia muitos brinquedos, livros e o computador. Isso nos apontou ver que estes últimos objetos que elencamos parecia ser atrativo para ele. Recursos que não tinha em sua sala de aula.

Em um momento durante os primeiros dias das visitas a escola, a diretora ainda ressaltou que a escola havia se adequadado e adaptado para receber estas crianças com deficiência, e uma das ações realizada pela equipe de funcionários foi a elaboração de uma rotina para facilitar a adaptação das crianças com deficiência, principalmente os autistas. Apesar da afirmativa conseguimos observar apenas alguns momentos em que se seguia uma rotina diária no 2º ano “C”, como por exemplo, no momento da acolhida que se iniciava com uma oração e música e as aulas que em sua maioria estavam restritas a cópia de exercícios no quadro ou livro didático, mas, esta rotina não era seguida pelas crianças autistas, pois como já houve mencionado anteriormente, eles estavam sempre saindo da sala e andando pelos demais espaços da escola.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento,

alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. (Santos, 2008, p. 9).

Diante desta afirmativa de Santos (2008), durante o período de observações pudemos perceber esta visão de criança sem limite, sem educação e mal-educada por parte de alguns profissionais da instituição para com o “aluno A” e pudemos concretizar esta ideia diante da fala da própria gestora quando afirmou que ano passado ele não tinha cuidadora, pois a mãe não citou no ato da matrícula que ele possuía diagnóstico de autismo leve e por isso ele passou o ano inteiro sem ninguém saber se possuía uma deficiência e todos o chamavam de criança sem limite.

As crianças da turma observada pareciam meio receosas com a presença do aluno B, porque ao perceber a proximidade do mesmo eles escondiam os seus materiais escolares e afastavam-se. O mesmo receio pudemos perceber também na professora, além de, em nenhum momento ter interagido com ele. Durante o tempo da pesquisa, esta professora parecia sempre alerta quando este aluno se aproximava da mesma, que usa microfone para se comunicar com a turma, ressaltando que sua voz está muito prejudicada e precisa usar para poder não piorar.

A cuidadora do aluno B estava a todo momento com ele tentando fazer o mesmo permanecer na sala segurando-o, interagindo, cantando e brincando, mas este sempre estava inquieto jogando-se no chão ou tentando fugir. Durante o período em que observamos, ele ficou quieto um único dia em que dormiu no chão da sala a tarde inteira e no momento a cuidadora relatou que esse tipo de comportamento ainda não tinha acontecido; “- Foi a primeira vez que ele dormiu durante este tempo que cuido dele! Não foi?.” (Olhando e balançando a cabeça positivamente para a cuidadora do aluno A).

Já a cuidadora do aluno A sempre ficava próximo a ele, no entanto, não o segurava, apenas acompanhava em suas atividades e ações e no momento que percebia que ele queria brigar, ela imediatamente o separava.

Em cada sala de aula tem um dia em que acontece uma apresentação de vídeos e o aluno B sempre assistiu: “- Ele adora assistir TV.”, relatou sua cuidadora. Havia um momento nas aulas em que a professora promovia leitura na turma (realizando uma chamada individual, onde cada aluno vinha ao seu birô ler para ela) enquanto os demais ficavam andando ou conversando entre si. As meninas gostam de fazer uma brincadeira batendo as mãos (elas a chamam de “Fui a china”) e os meninos nos momentos da leitura ficam desenhando, fazendo dobraduras de papel ou apenas conversando. Durante o período observado não presenciamos

nenhum tipo de interação das crianças com o aluno B, mas por diversas vezes presenciamos a interação delas com o aluno A, principalmente por parte dos meninos.

Em um certo dia, o aluno A encontrou no chão umas bolinhas pequenas de lantejoulas e as colocou enfileiradas em cima de uma cadeira e começou a brincar, imaginando que seus dedos eram jogadores e as bolinhas eram de futebol. Quando ele deu início a sua brincadeira, dois coleguinhas aproximaram-se para brincarem também, no entanto eles logo se afastaram, pois, o aluno B jogava sempre na mesma sequência e os colegas “chutavam” as bolinhas de forma aleatória, o que o irritou.

Nas quartas feiras são dias de recreação da turma e todos vão para o pátio. O aluno A consegue brincar com as demais crianças, mas o “aluno B” não participava das brincadeiras, pois a professora não mediava esta aproximação e por muitas vezes, pedia para a cuidadora segurá-lo, impedindo de participar do momento vivido. Certo dia a cuidadora nos relatou que sua impressão era que a professora ignorava aquela criança e que achava que ela tinha “medo” deste aluno.

Durante o período das observações conseguimos observar, com relação as atividades desenvolvidas pelas crianças autistas, apenas uma atividade que a professora trouxe para o aluno B (foto em anexo). Já o aluno A fazia as atividades que ela trazia para os demais alunos da turma, geralmente era escrita no caderno. Não observamos muitas propostas lúdicas, como já relatamos as aulas eram geralmente restritas a cópia dos alunos pelo quadro. Para Reviere apud Santos (2012) “alguns modelos de atividades desenvolvidas são pouco individualizados do processo de ensino e aprendizagem e incapazes de atender as necessidades das crianças cujo modo de desenvolvimento não se inclui em um modelo padrão do desenvolvimento humano.” (REVIERE, 2004, p.249).

A cuidadora do “aluno A” ainda não concluiu o ensino médio. É uma jovem que começou a trabalhar recentemente e nunca havia cuidado de crianças portadora de deficiência, no entanto, observamos que ela apresenta um bom relacionamento com a criança da qual cuida, com a turma e com os demais profissionais da instituição.

Já a cuidadora do aluno B é um pouco mais experiente. É o segundo ano que trabalha como cuidadora desta mesma criança e nota-se a intimidade e o carinho que ela possui com relação ao aluno B, pois ele é bastante afetuoso com ela. Houve até um momento em que ao voltar para a escola depois de um fim de semana em casa, ao notar a presença de sua cuidadora no portão da escola ele pulou da moto que sua mãe vinha conduzindo para ir ao

encontro de sua cuidadora. Um momento de muita apreensão, pois a rua da escola é bastante movimentada e ele correu o risco de acidente.

## 5.2 Análises das entrevistas

As entrevistas aconteceram ao final das observações e foram aplicadas as duas cuidadoras, a do aluno A e a do aluno B, e a professora da turma observada. Fizemos um roteiro com 10 questões elencadas, e apenas uma foi comum para as pesquisandas, as demais foram diferentes para a professora e para as cuidadoras. Para facilitar o entendimento destas distribuímos em quadros como expomos logo abaixo.

### Quadro 1

Qual a sua formação e tempo que atua como professora? (questão para a professora)  
Idade e formação? (questão para as cuidadoras)

Participantes	Respostas
<b>Professora</b>	Sou especialista e atuo já há vinte e dois anos na profissão de professora.
<b>Cuidadora do aluno A</b>	Dezoito anos e ainda não conclui o ensino médio.
<b>Cuidadora do aluno B</b>	Tenho trinta e três anos de idade, e estou cursando o terceiro período da faculdade de Pedagogia.

É importante que os profissionais que trabalham na educação e principalmente com crianças que possuem algum tipo de deficiência, estudem, se especializem e conheçam melhor estas crianças, para que assim possam entender melhor como se dá o desenvolvimento de sua aprendizagem e desta maneira possam realizar um bom trabalho. No entanto, não é o que observamos! Infelizmente, ainda temos profissionais que ingressam no mercado de trabalho, e na educação não é diferente, sem uma formação mínima específica para o que atua e se acomodam ao modo de não querer adquirir novos conhecimentos. No caso das cuidadoras uma já ingressou na faculdade e a outra falou que pretende ingressar pois é uma área que gosta. Já a professora mencionou a escassez e/ou barreira que encontra para fazer uma especialização nesta área de atender crianças com necessidades educacionais especiais, mas que tem vontade de realizar um curso do tipo.

### Quadro 2

Possui formação para trabalhar com alunos com deficiência? (questão para a professora)

Você já havia trabalhado com crianças com algum tipo de deficiência? (questão para as cuidadoras)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	Não.
<b>Cuidadora do aluno A</b>	Não.
<b>Cuidadora do aluno B</b>	Sim na escolinha da igreja e o ano que passou cuidei dessa mesma criança qual eu estou cuidando esse ano.

É de suma importância uma formação continuada na área da educação, mas, o que percebemos é que poucas são as iniciativas do governo nesta área e há ainda nos dias de hoje a escassez de opções de cursos para isto, nesse sentido, Guerra et al. (2007) afirma que:

A crise do ensino público no Brasil, impulsiona-nos a buscar sempre novas reflexões, ideias e práticas docentes. Nesse contexto a formação continuada é uma forma de trazermos para o centro da discussão, não só novas maneiras de ensinar e transmitir o conhecimento, mas também de refletirmos a forma como professores (as) (dos ensinos fundamental médio e superior, de escolas públicas ou privadas) chegam e atuam em sala de aula. (GUERRA, 2007, p.150)

Desta maneira os professores devem sempre buscar cursos de formação continuada, principalmente em áreas que requerem mais atenção e estudo na atualidade. Na educação inclusiva, por exemplo, no caso das cuidadoras estas também devem ser preocupações, pois existem minicursos, oficinas e palestras que contribuem bastante para o desenvolvimento da aprendizagem para que assim possam realizar um trabalho ainda melhor, tendo em vista que estão ingressando nesta área que requer muita dedicação, estudo e paciência.

### Quadro 3

Durante o tempo em que atua na educação, já trabalhou antes com crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista? (questão para a professora)

Esta é a primeira vez que cuida de uma criança autista? ( questão para as cuidadoras)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
----------------------	------------------

<b>Professora</b>	Não.
<b>Cuidadora do aluno A</b>	Sim
<b>Cuidadora do aluno B</b>	Não, porque eu já tinha cuidado dele ano passado.

As questões são parecidas, mas notamos que tanto a professora quanto a cuidadora do “aluno A” respondem que nunca haviam trabalhado antes com crianças portadoras do Transtorno de Espectro do Autismo. Vimos anteriormente em autores como Glauderer (1993), que descreveram esta síndrome bem no início da década de cinquenta, no entanto, sabemos que estas crianças até pouco tempo eram excluídas das escolas e não tinham o direito de frequentar uma sala de aula regular. “A primeira ruptura com o modelo médico aconteceu na década de 1980, com a emergência do Movimento pela Integração da Pessoa com Deficiência nas escolas regulares, tanto em classes especiais quanto em salas de aula de ensino comum.” (Ferreira, 2012, p.160). Embora este direito tenha passado a ser garantido por lei como por exemplo, o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial, ainda existe muita resistência por parte de alguns profissionais e também pela própria família que querem “esconder” seus filhos e/ou não conhecem os direitos que eles possuem.

#### Quadro 4

Que tipo de dificuldade você percebe ao trabalhar com esta criança? (questão para todos as participantes)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	Muitas dificuldades devido não ter nenhuma formação na área.
<b>Cuidadora do aluno A</b>	A dificuldade que eu percebo é que ele não interage muito com as crianças mais com a professora.
<b>Cuidadora do aluno B</b>	A maior dificuldade é a aceitação na sala de aula por parte/ tanto por parte dos alunos como por parte da professora.

As dificuldades mencionadas logo acima são ocasionadas principalmente pela falta de formação e informação, respostas que estão intimamente ligadas, se houvessem

capacitações para os professores trabalharem com crianças deficientes em uma sala de aula regular, onde certamente ela e os demais alunos da sala teriam uma melhor aceitação para com estas crianças tendo em vista que conheciam suas dificuldades e limitações. No entanto, não é oferecido e cada profissional é quem deve procurar se especializar apesar das poucas opções e oportunidades. Tratando desta questão Mittler (2003) ressalta que no que diz respeito a educação, o processo de inclusão envolve uma reforma e reestruturação da escola como um todo, ou seja, que a escola deve se preparar para atender todo tipo de criança oferecendo oportunidades de crescimento iguais para todas, no entanto isto não é fácil, tem que haver um pensar conjunto e ações coletivas capazes de atender as dificuldades de todos.

### Quadro 5

Como você vê a relação desta criança com os demais colegas e professor (a)? (questão para as cuidadoras)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Cuidadora do aluno A</b>	A relação é que ele não interage muito com as crianças em sala de aula mais com a professora porque tem uma certa intimidade mais com a mesma do que com os colegas de sala.
<b>Cuidadora do aluno B</b>	A relação que eu vejo é mais de medo! As crianças têm um pouco de medo deles e, pouquíssimas são as que chegam perto e que faz um carinho nele e que brinca com o mesmo por alguns minutos. Com a professora também vejo que ela tem um medo dele ...o que ela fala muito é: “segure ele, segure ele!”. Não chega perto pra fazer uma tarefa com ele... não interage com o mesmo. E nem ele com a sala de aula.

As cuidadoras dizem que a turma não interage com as crianças autistas e a segunda (cuidadora do aluno B) diz que parece que os demais alunos da sala têm medo do aluno B, pois não chegam perto e não dão atenção a ele. O aspecto socioafetivo é um dos mais prejudicados na criança autista e por isso o professor e demais membros da instituição devem traçar estratégias que aproximem estas crianças dos demais alunos e funcionários da escola e para isto é preciso que todos façam sua parte neste processo de desenvolvimento, mas isso

parece ser uma realidade distante principalmente com relação ao “aluno B” pois como a cuidadora afirmou a professora também aparentava medo de se aproximar da criança passando este exemplo para a sua turma. Estudando autores como Wallon (2007), por exemplo, notamos a importância de sabermos que nós professores somos formadores de opiniões e ensinamos para estas crianças, aprendizagem que levarão para o resto de suas vidas.

### Quadro 6

Como elas (as crianças autistas) se comportam mediante o convívio com as outras crianças (as demais crianças da sala)? (questão para a professora)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	De maneira diferente devido o grau do seu problema né?

A resposta da professora completa o raciocínio quanto a questão anterior quando ela afirma que as crianças se comportam de maneira diferente com a turma devido “o grau de seu problema”, ou seja, ela entende que as crianças têm “problema”, mas, não entende exatamente como agir para melhorar esta situação, Moyles (2002, p.143) sobre esta situação fala da importância de que “ Refletir sobre necessidades individuais sempre envolve examinar problemas e dificuldades, mas é vital não “rotular” a criança”.

### Quadro 7

Percebe alguma mudança ou avanço da aprendizagem com relação aos aspectos cognitivo e socioafetivo deste aluno durante este tempo em que cuida do mesmo? (questão para as cuidadoras)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Cuidadora do aluno A</b>	Percebo, que ele avançou muito desde o primeiro dia de aula e vem avançando cada vez mais.
<b>Cuidadora do aluno B</b>	Sim, eu percebo porque antes ele era muito agressivo e hoje ele já é mais carinhoso e se a pessoa é com ele, aí que a relação melhora. Pois, ele sente quando está sendo rejeitado. E se a gente não se aproximar dele não fizer um

	carinho, ele percebe, aí assim fica agressivo. Mas, em relação ao cognitivo ele está melhorando, porque quando eu digo:”- vamos sentar, vamos fazer a tarefinha com a tia!”. Ele senta e faz, do jeito dele, rabiscando, mas faz. Isso aí já é um avanço!
--	---

Mesmo com toda diferença e dificuldade as cuidadoras afirmam que percebem o avanço destas crianças nos aspectos cognitivo e socioafetivo, na fala da cuidadora do “aluno B”, afirma que ele está menos agressivo, mas quando percebe que a pessoa está rejeitando, ele fica agitado. Sendo assim vimos que, mesmo ele tendo um bom avanço quanto ao seu aspecto socioafetivo ainda precisa de cuidado e atenção para continuar desenvolvendo esta área do seu conhecimento, tendo em vista que é no ambiente escolar que estas crianças encontram o espaço para avançarem o seu desenvolvimento. “O desenvolvimento e a aprendizagem das crianças autistas precisam de tempo e espaço para acontecer, porque sua realização não é fácil nem imediata”. (Santos, 2012, p.2).

### Quadro 8

O que você como mediadora do conhecimento faz para desenvolver a aprendizagem e a interação destas crianças em suas aulas? (questão para a professora)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	Eu trago as atividades diferente... agora eles não interagem muito com os outros colegas.

Apesar desta resposta, durante o período observado vimos um único dia em que a professora trouxe atividade diferenciada para estes alunos autistas (fotos em anexo). Cotidianamente, as atividades iguais eram geralmente cópia do quadro. Toda esta questão se volta para a falta de uma formação adequada para os professores, segundo Boralli (2007), existe uma total desatenção para com a formação adequada de profissionais das áreas de Medicina, Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, dentre outras. Então não devemos procurar “culpados” mas a solução está na consciência de que, cada um destes profissionais devem procurar sempre dar continuidade a sua formação em serviço.

### Quadro 9

Que tipo de atividade você percebe que chama a atenção destas crianças? (questão para todos os participantes)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	Mais pintura música e quando vamos mostrar algum tipo de desenho, algumas gravuras, é mais interessante pra eles.
<b>Cuidadora do Aluno A</b>	Ele gosta muito de decorar colorir e escrever o que tiver.
<b>Cuidadora do Aluno B</b>	De pintura! Pois quando falo que é pra pintar ele já vai correndo pra realizar essa atividade e quando eu chamo ele também pra ouvir historinha que eu vou ler, ele vai correndo pra sala de aula se senta e fica bastante atencioso, mesmo que seja por poucos minutos.

As atividades citadas pela professora e pelas cuidadoras são as mesmas, pintura, música, leitura (as gravuras dos livros) e atividades que eles “colocam a mão na massa”. Este tipo de atividade que envolve a criança e lhe dá prazer é um exercício lúdico, então mesmo que elas não usem o termo lúdico entendemos que é exatamente dentro desta perspectiva que as crianças se encaixam e desenvolve sua aprendizagem. Segundo Almeida apud Daguano e Fantacini (2011), a educação lúdica leva o professor a transformar as circunstâncias que seus alunos estão inseridos, pois a ludicidade restitui a esse profissional a função de mediador no crescimento do educando, e assim estimula o interesse das crianças pelo conhecimento.

### Quadro 10

Você se sentiu ou se sente preparada para lidar com crianças com este tipo de deficiência em uma sala de aula regular? (questão para a professora)

O que você acha da inclusão desta criança em uma sala de aula regular?(questão para as cuidadoras)

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professora</b>	Não, mas a gente vai conciliando, pesquisando fazendo leituras e aí dá pra fazer um bom trabalho com eles.

<b>Cuidadora do Aluno A</b>	Concordo até pra interagir mais com uma criança que não se tem a mesma deficiência que a dele.
<b>Cuidadora do Aluno B</b>	Eu acho muito difícil! Defendo que tenha uma sala de AEE pra ele vir uma ou duas vezes por semana. E na sala de sala regular é pra ele passar pouco tempo. Ele se concentra muito pouco! Um minutinho só! E passa a maioria do tempo correndo.

Não se sentir preparada é normal, no caso da professora por ela não ter nenhuma formação na área de ensino de crianças deficientes, este caso torna-se mais evidente. No entanto, mesmo sem estar preparada ela faz o que uma grande parte de professores que se deparam com esta mesma situação fazem que é pesquisar, ler sobre o tema, tentando conciliar em suas aulas estes alunos com deficiência e a turma, embora esta caminhada seja árdua e desafiadora. A inclusão destas crianças em uma sala de aula regular é de suma importância para o desenvolvimento de sua aprendizagem, apesar de ser difícil. A cuidadora do aluno B menciona em sua fala que quatro horas por dia é muito tempo, no entanto se houvesse uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) para auxiliar no desenvolvimento destas crianças e elas pudessem ficar menos tempo em sala de aula regular, tendo em vista que não se concentram por muito tempo.

É importante a continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação. Quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. (Santos, 2008, p.31 e 32)

Ações como estas são ensinadas na formação específica para esta área que deveria ter. Todas as respostas aqui elencadas reforçam a necessidade urgente de formação destas profissionais que estão trabalhando com estas crianças, para assim melhorar o processo de

inclusão e a inserção de atividades lúdicas para obtenção da aprendizagem destes autistas, que no momento é visível essa carência.

A vivência deste trabalho monográfico oportunizou a reflexão sobre a necessidade de produção teórica reflexiva, para consulta e estudo sobre o TEA, pois notamos a carência de informação nesta área e a necessidade destas profissionais que trabalham com estas crianças sentem ao respeito destas teorias. Devido esta carência sentimos também a dificuldade na elaboração do presente estudo, principalmente ao que se refere a parte de um trabalho lúdico no desenvolvimento da aprendizagem destas crianças autistas, pois como descrito anteriormente, segundo as observações, não notamos nenhum tipo de trabalho neste aspecto tanto por parte da instituição como por parte da professora.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo evidenciamos que, nos últimos anos ouvimos muito falar sobre autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo, mas na verdade pouco sabemos sobre este transtorno, e apesar de ser uma doença estudada há várias décadas, seu diagnóstico ou tratamento ainda são pouco conhecidos, ou seja, ainda caminhamos a passos lentos e temos muito que estudar e aprender sobre esta deficiência e suas consequências.

Talvez por isso muitas instituições de ensino ainda não conseguem realizar uma inclusão efetiva destes alunos em uma sala de aula regular, mesmo sendo um direito assegurado por lei, e então estes alunos ficam dispersos em um mundo que parece ser distante da realidade deles.

Diante dos resultados obtidos por meio deste estudo, pudemos notar que este desafio de inclusão ainda há um extenso percurso para se seguir, e com isso, necessitamos de uma ação conjunta com o apoio das famílias e de profissionais de diversas áreas. No entanto, pouco parece ser o interesse neste aspecto. Os alunos deficientes que são inseridas em uma sala de aula regular parecem estar ali apenas para cumprir a lei e pouquíssimas são as iniciativas de preparação destas para uma aprendizagem e socialização significativa.

Além de tudo isso ainda encontramos o despreparo de profissionais que deveriam ser capacitados para auxiliar na inclusão e aprendizagem destas crianças. Estes se preparados, poderiam proporcionar diferentes tipos de atividades que contribuem no aperfeiçoamento da comunicação e socialização destes alunos.

Nas leituras de Cunha (2007), Fonseca (2009), Kishimoto (2007), entre outros, vimos que existem exercícios imprescindíveis no aprimoramento da aprendizagem destes alunos, com atividades que favoreçam a sensação de vários aspectos como o motor, linguístico e interação social adquiridos por meio de atividades lúdicas. Desta forma, é possível dizer, que a escola deveria assumir um papel fundamental reorganizando suas práticas, modificando sua metodologia, planejando, enfim, juntando formas que melhor se adequem a uma acessibilidade e inclusão adequadas.

Sabendo desta importância e do papel que este tipo de atividade desempenha na vida da criança autista, os profissionais que trabalham com crianças, principalmente o professor, devem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem destas por meio de uma visão sensível e flexível, tendo em vista que cada criança evolui conforme suas capacidades individuais e no seu tempo. Nesse sentido, os alunos deficientes não são diferentes, basta tomar iniciativas

como adotar, por exemplo, a educação lúdica na inclusão como uma experiência ativa, onde estes se confrontam com o meio através de jogos e brincadeiras.

Ao fim do período de observações pudemos concluir, segundo o que presenciamos, que a professora raramente trazia propostas lúdicas para as suas aulas o que impossibilitou de averiguarmos o desenvolvimento destas crianças por meio da ludicidade. Notamos que muito há o que fazer neste aspecto, mas mesmo a caminhada sendo longa e desafiadora devemos continuar buscando ideias, ajuda, métodos e práticas que favoreçam uma educação de qualidade para todos.

Construir essa monografia nos possibilitou um enriquecimento fabuloso, pois aprendemos desde a construção de um projeto de pesquisa, realização desta, até a elaboração deste trabalho monográfico. Um excelente exercício acadêmico que nos proporcionou impulso e sensação de que é possível darmos prosseguimento aos estudos. Esperamos que este trabalho suscite outros a darem continuidade aos estudos na área do TEA como uma ferramenta indispensável no desenvolvimento e inclusão desses alunos tornando-os sujeitos ativos e motivados no processo de aprendizagem escolar no ensino regular.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BORALLI, Eliana Rodrigues. **Autismo: Trabalhando com a criança e com a família**. 2.Ed. São Paulo: Edicon, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. (2008)

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DAGUANO, Lilian Queiroz; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. **O lúdico no universo autista**. Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 1, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2011.

DAMAZIO, R. L. **o que é criança**. 2. Ed. São Paulo: brasiliense, 1991. (coleção primeiros passos)

FERNANDES, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia proporcionando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERNANDES, L. R. **O olhar do engano, autismo e o Outro primordial**. São Paulo: Escuta, 2000.

FERREIRA, Windiz Brazão. **Educação Inclusiva: perspectiva histórica e o cenário da educação brasileira**. COSTA, Marcus Joelby Bezerra. e RAMOS, Melissa Gusmão.(orgs). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

FONSECA, V. R. J. R. **O autismo e a proposta psicanalítica**. In: Revista Mente e Cérebro, Col. Memória da Psicanálise: Melanie Klein, n. 4, 2. ed. São Paulo: 2009.

GAUDERER, C. E. (1993). **Autismo**. (3ª ed). Rio de Janeiro: Atheneu.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GUELLER, A. S. e SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas**. São Paulo: Casapsi, 2008.

GUERRA, Rafael Angel Torquemada. (Org). **Formação continuada de professores**. João Pessoa: Editora universitária, 2007.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Tradução Windys Brandão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOTLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAIS, Rosilene Lucas de. **A importância do lúdico na Educação Infantil**. *Dominium – Revista científica da faculdade de Natal – FAL*, v, n. 2, p.1-18, mai/ago, 2007.

MUNIZ, Maria Cristina Soto. **A brinquedoteca no contexto escolar da educação infantil**. Apud SANTOS, Santa Marli P. dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RIVIÈRE, ÂNGEL. **O Autismo e os Transtornos Globais do Desenvolvimento**. In: *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, Cesar Coll, Álvaro Marchesi, Jesus Palacios; trad. Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SAMPAIO, Lenise Oliveira Lopes. **Ludicidade e desenvolvimento da criança I**. In: BRENNAND, E. G. G. e ROSSI, S. J. *Trilhas do Aprendiz*, Vol. 1, Recife: Linceu, 2009.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Rosimeire Matias dos. **O lúdico na aprendizagem da pessoa com autismo: Uma análise de suas potencialidades e possibilidades**. [Internet]. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos>>. Acesso em: 06 jun. 2017

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_, Santa Marli Pires dos. (Org.) **Brinquedoteca- o lúdico em diferentes contextos**. 7ed. Petrópolis/RJ: vozes, 2002.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (coleção psicologia e pedagogia)

# APÊNDICE

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado(a): \_\_\_\_\_ desenvolvida pela pesquisadora \_\_\_\_\_, a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº ( ) \_\_\_\_\_ ou e-mail: \_\_\_\_\_

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca investigar processos de formação docente.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de \_\_\_\_\_. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

# ANEXO

**FOTO DA ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELO ALUNO B**